**O cartel e as paixões do ser**

Robson Mello

O ódio se reveste no nosso discurso comum de muitos pretextos, encontra racionalizações extraordinariamente fáceis.5

Gustave Le Bon (1841-1931), psicólogo francês foi um estudioso cujas áreas de interesse incluíam antropologia, psicologia, sociologia, medicina e física foi a principal referência que Freud utilizou para escrever seu *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2010)1. Orientação fixa das ideias e dos sentimentos nos indivíduos, apagamento da personalidade, desaparecimento da vida cerebral, predominância da vida medular, diminuição da inteligência e transformação completa dos sentimentos – que podem ser melhores ou piores do que os dos indivíduos que constituem uma massa são algumas das características que Le Bon elenca para o que chama de *massa organizada , massa* psicológica, em sua famosa obra *A multidão: um estudo da mente popular* (1895). E destaca que “um povo inteiro, sem que haja aglomeração visível pode, por vezes, em consequência de determinada influência, tornar-se uma massa.” (LE BON, 1895/1980, s.p.)2.

Freud (1921/2010) recolhe deste autor as três principais causas para o surgimento dessas características. São elas: o sentimento de poder invencível, o contágio mental e o poder de sugestão. A massa toma-se tão facilmente heroica quando criminosa. O francês arremata: “uma palavra adequada já tem conseguido evitar que as massas cometam atos sanguinários.” (LE BON, 1895/1980, s.p.).

A massa é facilmente afetada pelas paixões do ser: o amor, o ódio e a ignorância. Alberti (2001)3 alerta para o fato que há as paixões, os afetos e o desejo são três imensidões na teoria psicanalítica que jamais serão totalmente exploradas pelo fato de serem, todos, imensidões que têm “um pé, ou mesmo meio corpo, no real”(ALBERTI, 2001, s.p.). A autora destaca:

 O afeto surge como sofrimento – pathos – para o sujeito, e que na neurose é efeito da falta, na demanda endereçada ao Outro. Exatamente ali onde o sujeito quer algo do Outro, a resposta não vem e o vazio dessa resposta produz, no sujeito, um encontro com o ser que lhe causa horror (angústia) ou desânimo. O desejo é uma outra saída para o sujeito. (ALBERTI, 2001, s.p.).

A lógica do cartel não segue a lógica das massas. Fascínio e contágio – fenômenos inerentes às massas – não devem ser os norteadores do trabalho neste dispositivo da Escola. Do lado do imaginário, que visa tamponar a falta, e fazer Um com o Outro deste pequeno grupo de trabalho, sua lógica se pauta numa verdade a ser extraída do simbólico – a partir da lida com um texto –, e sempre da direção do real. Uma verdade não-toda tendo como ponto de partida a radical solidão do sujeito, que se liga a uma outra solidão, de 3 a 5 mais-um, sendo 4 + 1 a justa medida.

Desejo de saber em vez de paralisia. É isto que o cartel deseja provocar no sujeito diante da angústia que é o resultado daquilo que o sujeito queria do Outro e a resposta não veio, mas sim um vazio no lugar da resposta. E, se a angústia é sempre a de castração, a resposta do cartelizante é a de querer saber e, última instância, depositar este saber furado na Escola. O ponto de saber que cada um pôde chegar no decurso de um ano, tendo sido, talvez, acrescido mais um ano. Jamais fora do laço intenção/extensão.

De um modo ou outro, o sujeito lançará sua resposta diante do vazio da resposta que emerge do Outro. Lacan (1973/2003)4, em seu texto *Televisão* indica Dante e Espinosa para que façamos uma trilha sobre o que dos afetos poderemos recolher a partir dos seus dizeres, isto é, reconduzir o que do afeto é dito e assegurado. E pontua que: “o afeto vem a um corpo cuja propriedade seria habitar a linguagem. (...) O afeto chega por não encontrar alojamento, pelo menos não a seu gosto.” (LACAN,1973/2003, p.524). Exatamente porque “as palavras introduzem um oco, um buraco, graças ao qual todas as espécies de franqueamentos são possíveis. As coisas tornam-se intercambiáveis. Esse buraco no real chama-se o ser ou o nada.” (LACAN, 1953-54/1986, p.308-9).5 Eis aqui o elemento pelo qual deverá haver a identificação no cartel. A identificação não é a de sujeito para sujeito, mas sim no desejo de saber em torno de uma questão ou, se preferirmos, identificação um por um, em torno da causa analítica presente no trabalho e cada cartelizante. Pensamos haver, aqui, a função impossível do mais-um, qual seja, operar de modo com que este vazio, este buraco no real jamais seja colmatado. A relação singular de cada um com este furo deverá ser o elemento de ligação entre os cartelizantes.

Aqui, proponho pensarmos a articulação do cartel com as paixões do ser. Antes, precisaremos como Lacan as situa tendo como ponto de partida o no borromeano. Lacan conclui:

É na dimensão do ser que se situa a tripartição do simbólico, do imaginário e do real. Nela, e não na do real, que podemos inscrever as três paixões fundamentais – na junção do simbólico e do imaginário, o amor; - na junção do imaginário e do real, o ódio – na junção do real e do simbólico, a ignorância (LACAN, 1953-54/1986, p.308-9).

Na junção do simbólico com o imaginário. A amor presente no cartel não é aquele que nos remete ao mito de Aristófanes, em o Banquete. No cartel não deverá estar presente o amor que faz com que o sujeito anseie um Outro no lugar de sua metade para se tornar Um, completo. Enlaçado à lógica da transferência, o amor presente no cartel se dirige ao saber, saber extraído do texto, não sem sua articulação com o material recalcado, saber a ser extraído do para além das marcas significantes. Sabe que anda de mãos dadas com a verdade não-toda e presente no real da lalíngua.

Soler (2022)7 pontua que as “três paixões respondem ao efeito primário da linguagem, à falta-a-ser, e não se referem, portanto, ao saber inconsciente nem ao real” (p.119). O amor, diferente da pesada série resgatada por Soler a partir de Lacan, em seu Seminário livro 20: *Mais, ainda* – “narcisista, mentiroso, ilusório, cômico e impossível” (SOLER, 2022, p.121), é exatamente aquele em que:

 amar é amar um ser para além do que ele parece ser. O dom ativo do amor (que constitui no plano simbólico) visa o outro, não na sua especificidade, mas no seu ser. O amor, não mais como paixão, mas como dom ativo, visa sempre, para além da cativação imaginária, o ser do sujeito amado. (LACAN, 1953-54/1986, p.315)5.

Um amor que suporta as diferenças presentes entre os cartelizantes cujo trabalho visa, mesmo e sempre, a diferença absoluta. Seguimos com Alberti (2001) quando nos diz que o amor é aquele que reconhece e não deseja velar, tampouco colmatar a castração. Um amor que é solidário à “diferença absoluta”8, e que expõe a força de Eros diante da vertente destrutiva da pulsão de morte que, invariavelmente, se mostra no interior do trabalho em pequeno grupo.

O cartel na junção do imaginário com o real: a presença do ódio. O ódio, que num primeiro momento poderá se dirigir ao outro do cartel como aversão à singularidade e resultante da relação de cada um com a dimensão de objeto *a*, em última instância é ódio ao saber, ódio ao verdade sempre não-toda que, não menos, também se enlaça no “descaminho do gozo” de cada falante. Lacan nos traz mais elementos sobre ele: “ele (ódio) não se satisfaz com o desaparecimento do “adversário” (aspas nossas). O ódio aspira ao rebaixamento do ser do outro, sua desorientação, seu desvio, a sua negação detalhada. Como o amor, é uma carreira sem limite. (1953-54/1986, p.316)5. O ódio é ódio ao não-todo saber.

Também extraímos de Lacan o fato de que o “ódio é o que mais se aproxima do ser, também chamado de ex-sistir, e de que nada concentra mais ódio do que o dizer onde se situa a ex-sistência”. (LACAN, 1972-73/1985, p.164)9.

Junção do real com o simbólico. A ignorância para Lacan (1971-72) não é uma menos-valia tampouco um déficit. Para ele, ela está ligada ao saber. “Não querem saber, fazem de tudo para não entrarem em contato com o saber.” (ALBERTI, 2001, s.p.)3. Lacan propõe duas modalidades para a ignorância: *ignorância crassa* – aquela em que “não se quer saber de nada do ser do Outro” (LACAN, 1972-73/1985, p.164)9. E a douta ignorância. Sobre ela lemos em Soler (2022) como sendo aquela em que “na ponta do saber se inclina diante daquilo que do ser escapa” (SOLER, 2022, p.121)7. Ou, de outro modo: “sabe muito e, de todo o seu saber, percebe aquilo que não pode ser sabido, o furo (...), um precursor do bem-dizer” (idem, p.122), e, desse modo, abre vias para o amor que acolhe o dizer onde se situa a ex-sistência, fazendo jus ao discurso do psicanalista, que, picando o caminho do desejo para o sujeito (a resposta que se espera, num percurso analítico, diante da falta de resposta na demanda endereçada ao Outro), mostra a força da psicanálise enquanto “erotologia – que se situa do lado de Eros10”, que faz furo no discurso do ódio, este que comumente faz mover as massas fascinadas e contaminadas pelos líderes, dando lugar, por fim, à verdade avessa ao desejo de universalização.

Referências:

1. Freud. Sigmund (1921). Psicología de las masas e análisis del yo. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.
2. Le Bon, Gustave. Psicologia das multidões. Tradução: Ivone Moura Delraux. Edições Roger Delraux. Digital Source, 1980.
3. Alberti, Sonia. As paixões do ser a partir de um caso freudiano. Extraído de: e-publicacoes.uerj.br. Acesso: 28 de abril de 2022.
4. Lacan, Jacques. (1973). Televisão. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
5. Lacan, Jacques (1953-54). A verdade surge da equivocação. Seminário livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
6. Soler, Colette. Outros afetos. São Paulo: Aller, 2022.
7. Lacan, Jacques (1964/1988). Em ti mais do que em tu. Seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
8. Lacan, Jacques (1972-73). Rodinhas de barbante. Seminário livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
9. Askofaré, Sidi. Aspectos da segregação. A peste, São Paulo, v.1, n.2, p.345-354, jul./dez.2009.